

*Provided for non-commercial research and education use.
Not for reproduction, distribution or commercial use.*



This article appeared in *Revista Portuguesa de Humanidades* (2017, V. 21, 2 – *Estudos Literários*) published by *Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia*. The attached copy is furnished to the author for internal non-commercial research and education use, including for instruction at the authors institution.

Other uses, including reproduction and distribution, or selling or licensing copies, or posting to personal, institutional or third party websites are prohibited.

Authors requiring further information regarding *Revista Portuguesa de Humanidades* archiving and manuscript policies are encouraged to visit:

<http://rphumanidades.braga.ucp.pt/>

The copyright of this article belongs to *Aletheia – Associação Científica e Cultural*, such that any posterior publication will require the written permission of the President. For the use of any article or a part of it, the norms stipulated by the copyright law in vigor are applicable.



Revista Portuguesa de Humanidades
Director Prof. Doutor Miguel Gonçalves

ALETHEIA - Associação Científica e Cultural
Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais
Praça da Faculdade, 1
4710-297 BRAGA
Portugal
aletheia.ffcs@braga.ucp.pt

Leituras da paisagem urbana na Lisboa finissecular

INÊS DOMINGUES SERRANO

Instituto Politécnico de Tomar
inesserrano@ipt.pt

Abstract

Urban space depictions often took its scenes from the new cityscape that emerged from the urban renewal of European cities during XIX century. In Lisbon, contemporary descriptions disclose two antithetical perceptions of the urban space and its landscape. The new town, that arose from the nineteenth century expansion, an open, wide and illuminated space, opposed to the old city that offered scarce possibilities of conversion to a progressive and technological ideal of the city ideal. This communication intends to explore, through some texts and authors, the way in which those changes of urban landscape were perceived, framed in the dialectic between a progressive ideal and the nostalgia of the past.

Keywords: Lisbon, urban landscape, modernity, boulevard.

1. Paisagem urbana

Durante o século XIX a tradicional polarização cidade/campo dilui-se na forma da cidade sem limites, que se renova e cresce continuamente. Mas ao mesmo tempo que é cada vez mais manifesto o predomínio sobre a natureza na qual a ideia de progresso¹ firmemente assenta, permite-se que o “verde” entre na cidade, qualificando os seus espaços, através de plantações regradadas e contidas, nos parques públicos e *boulevards*².

¹ “Afinal o conceito moderno de progresso tem ido buscar muita da sua credibilidade, desde o tempo da sua formulação definitiva durante o Iluminismo, ao aumento constante, bem como aos manifestos benefícios, da ideia tida pela humanidade de domínio sobre a natureza.” (Marx & Mazlish (org.) 2001: 312)

² *Boulevard* descende da palavra de origem holandesa *bolwerk* com um significado defensivo de bastião. A genealogia dos *boulevards*, estaria então ligada à definição e defesa da periferia da cidade, cujas muralhas foram posteriormente substituídas por vias largas e espaçosas, com um carácter rural marcado pela presença dos alinhamentos de plantações. Foi a partir da segunda metade do século XIX, que o termo *boulevard* começou a ser usado no sentido comum adquirindo, desde a renovação de Paris (1853-70) de Georges Haussmann (1809-1891), o sentido de rua principal com plantações de árvores.

A constituição da paisagem urbana no século XIX, construiu-se através das acções desencadeadas sobre o território e que visavam a sua transformação objectiva, e reflectia. Nas representações e descrições coevas, reflectia o fascínio do olhar, indissociável dos novos espaços urbanos/públicos -direcionados para o consumo e para o encontro- a rua, os *boulevards* e os jardins públicos.

O passeio, as relações de sociabilidade pública, o consumo, as deslocações nos transportes públicos ou individuais, tiveram nas grandes avenidas o cenário privilegiado.

À cidade sensorial dos odores, húmida e sombria, sobrepõe-se a cidade desinfectada, das ruas largas, iluminadas e salubres. Dicotomia narrativa entre dois *loci*, duas cidades que não se sobrepõem, antes se apartam, fixando-se em enquadramentos superlativos, opostas em antíteses, limpo e sujo, beleza e fealdade, visível e invisível, moderno e arcaico.

2. Crónicas do urbano

A ideia de paisagem, sempre implicou a existência de um olhar, de um ponto de vista, que se institui de longe, mas que marca um lugar, um olhar que mede e que dissocia sujeito e observador: “Un regard qui prend du recul par rapport aux choses, les toise (les mesure) et les institue peu à peu en un environnement objectif, abstrait du sujet³”. (Berque 1994: 22)

Nos textos literários, podemos definir o ponto de vista narrativo, como correspondente à representação do olhar do autor e/ou do personagem, refletindo um juízo moral e intelectual.

A paisagem urbana que emerge a partir das descrições e representações iconográficas e escritas, corresponde a leituras da realidade, pelo que devemos afastar o pressuposto de uma suposta verossemelhança e objectividade, mesmo quando se enquadram em géneros que se apresentam com esse pressuposto.

Em alguns textos que evocam a cidade de Lisboa, no dealbar do século XX, nomeadamente na crónica urbana, que se inscrevia no programa do realismo, a descrição de certos ambientes urbanos é usada como símbolo de decadência e do atraso do País e da cidade. Nesse quadro, está subjacente a influência (e o paralelismo) que essa realidade exterior, tem na configuração moral e mesmo física dos habitantes da cidade⁴, aos quais aparece comumente associada. Outras vezes,

³ “Um olhar que toma recuo em relação às coisas, que as mede, e as fixa, gradualmente, num ambiente objetivo, abstraído do sujeito.” [tradução livre da autora]

⁴ Observe-se a este propósito a passagem de “As Farpas” “Nas margens do Lima, setembro, 1885” em que se atribui a fealdade das mulheres de Lisboa aos agentes cósmicos, físico e

a estratégia discursiva, recorre à recriação de um cenário, que confere credibilidade ao argumento narrativo e romanesco: nessa circunstância a legibilidade e da cidade emerge através dos lugares (cafés, clubes, avenidas, teatros, etc) que projectavam sobre a vida urbana uma rede de significados (espaços de sociabilidade, de exclusão, de encontro...).

É significativo observar que a maioria destas crónicas foram primeiro publicadas em formato de notícias, de modo a chegarem a um público mais alargado. “As Farpas”⁵, de Ramalho Ortigão (1836-1915) e Eça de Queiroz (1845-1900), foram publicadas em fascículos mensais, entre 1872 e 1882. As “Cartas de Lisboa” de Carlos Malheiro Dias (1875-1941) e “Lisboa Monumental” de Fialho de Almeida (1857-1911), foram textos compostos para a imprensa de circulação diária e semanal, o Comércio do Porto⁶, entre 1904 e 1906 e a Ilustração Portuguesa⁷ em 1906, respectivamente.

Nos discursos sobre a cidade, uma nova paisagem emerge da renovação urbana de Lisboa, iluminada e mundana, das novas edificações e usos sociais. Estas transformações tomaram corpo nas áreas de expansão da cidade oitocentista, primeiro na avenida da Liberdade, formalmente inaugurada em 1886, e posteriormente nas designadas Avenidas Novas, cujo plano foi aprovado em 1889.

A antítese é então utilizada para, confrontar dois lugares: a nova Lisboa, que se transmuta e os “velhos” bairros, o lado invisível e esconso da cidade. A conotação negativa destes lugares, foi então muito marcada pela doutrina higienista que, articulada com a visão burguesa⁸ do mundo, marcou de forma indelével a percepção dos espaços e a vivência na cidade.

químicos e sociológicos.

⁵ *As Farpas* foram publicadas em fascículos mensais de maio de 1871 até 1882, mas em novembro de 1872, Eça de Queiroz abandona a publicação que prossegue apenas com Ramalho Ortigão. Este reuniria grande parte de seus folhetins em 1887-1890 em 11 Volumes, publicados pela editora David Corazzi. Entre 1911 e 1915, regressará com as Últimas Farpas, que foram posteriormente publicadas num volume. Ainda publica mais dois volumes d’As Farpas Esquecidas (1946-1947).

⁶ Malheiro Dias escreveu as suas crónicas entre 1904 e 1906, neste jornal, mas também, com o mesmo título, para o periódico brasileiro “Correio Paulistano”.

⁷ Carlos Malheiro Dias foi director da Ilustração Portuguesa entre 1906 e 1910 onde Fialho de Almeida publicaria “Lisboa Monumental”, em dois fascículos, nº 36 (29 de outubro) e nº 39 (19 novembro) de 1906.

⁸ A burguesia na sua pretensão de regular os comportamentos sociais e pessoais da classe operária, com a convicção de que um proletariado mais “saúdavel” seria também mais “produtivo e cooperativo”, e evitando que se constituísse como “grupo social” fora do controlo da sociedade, isto é, fora da ordem burguesa.

3. A expansão da cidade de Lisboa

Os planos urbanos oitocentistas, sobretudo os que refletiram a influência *haussmaniana*⁹ inauguram nas cidades o desenho bucólico dos *boulevards*, os parques públicos e o mobiliário urbano destinado a servir os novos usos da rua, inaugurando outros hábitos de sociabilidade urbana. Em Lisboa, o primeiro *boulevard* foi a Avenida da Liberdade, que constituiu a primeira parte de um plano mais ambicioso de extensão norte da cidade, coordenado pelo engenheiro camarário Ressano Garcia (1847-1911).

A avenida da Liberdade implantou-se perpendicularmente à antiga muralha defensiva da cidade¹⁰, afastando-se da área compacta do centro da cidade e projectando a ampliação de Lisboa para o interior do planalto central. A geometria das plantações e a divisão das vias afirmava o propósito de conjugar a eficiência de circulação com o passeio, e os espaços de recreação pontuados ao longo do percurso. Contribuindo para as amenidades que o espaço público do século XIX privilegiava, estava também a iluminação pública, que a câmara exigiu que na Avenida da Liberdade fosse eléctrica e alimentada por um gerador próprio que se situava na praça dos Restauradores.

Combinando um percurso pedonal e recreativo, com a inclusão de quiosques e bancos, com a circulação de veículos, e diferenciando os pavimentos de asfalto das faixas calçetadas com as plantações, foi para esta avenida que se deslocou a vida mundana do Chiado.

Registada sob o olhar de fotógrafos, pintores, cronistas do urbano, a “nova cidade”, as suas ruas, as construções, os parques, as cenas do quotidiano, sobrepueram-se (e contrapuseram-se) à cidade antiga que se desvanecia.¹¹

As transformações da cidade foram, porém, lidas de modo contraditório, e revelaram por vezes uma visão nostálgica onde o desconforto pela mudança é notório. A mescla social que os novos espaços públicos promoveram, é particularmente sentida nas avenidas/*boulevards*, na sua possibilidade de relações e de estímulos, símbolo vibrante da vida moderna. Há uma vivência sensorial da rua, pelos constantes contactos e interrupções da atenção/concentração que fragmentam a percepção. Essa impressão, dir-se-ia, tem um lado corporal, o da densi-

⁹ Referente às transformações urbanas de Paris, no II Império, coordenadas por Georges-Eugène Haussmann entre 1853-1870.

¹⁰ Correspondente à muralha Fernandina erigida entre 1373 e 1375.

¹¹ Esta aparecia documentada como memória futura, em imagens, que a expunham num certo desamparo e abandono, em fotografias de, entre outros, Joshua Benoliel (1873-1932), Marville (1816-1879) e Francesco Rochinni (1820-1895).

dade da multidão que passa, e que provoca variadas reacções de protecção e de repulsa¹². Desse choque nos dá conta, Ramalho Ortigão quando após prolongada ausência descreve a “Nova Lisboa”

A primeira vaga impressão que o contacto da rua produz no espírito de um recém-chegado é a de que há talvez na cidade mais gente do que dantes.

Encontro-me com uma multidão espessa, mesclada, heterogénea e confusa, lembrando o excepcional movimento hebdomadário de uma populosa vila de província em dias de mercado.

Figura-se-me que na massa de transeuntes predominam operários não em traje de trabalho, de blusa e calças de bombazina, como nas cidades industriais e laboriosas, mas quase burguesmente vestidos, de gravata La Valière e bengala de passeio. (Ortigão 1913: 257-258).

A cidade de Lisboa, extravasava do seu antigo centro e modernizava-se nas novas avenidas, espaço de desafogo, cidade de inspiração parisiense. Uma paisagem que transporta o imaginário de uma Paris feérica, que chegava através da literatura. É essa a visão quimérica de Artur, personagem principal de “A Capital”:

(...) como o mundo da *Comédia Humana* de Balzac: era de resto pelos romances franceses que reconstruía a Sociedade de Lisboa (...) imaginando-a de ruas enormes, sonoras de trens, e flamejante de gás (...) a existência nocturna de Lisboa, que o fascinava: imaginava sentir nos cafés, entre os ouros dos espelhos, (...) ver à porta dos teatros apinhar-se uma multidão (...) e nas praças em redor, todas alumadas (...). (Queiroz 2003: 73)

As referências à cidade de Paris, resultam de uma aspiração de modernidade e civilidade, projecção dos desejos e ensejos da burguesia lisboeta. Por isso a Avenida da Liberdade, símbolo primeiro dessa conquista, foi simultaneamente projecto arrojado e fruste, porque se media com a idealização, de uma paisagem que se importava da capital francesa. Lisboa, escrevia Ramalho Ortigão, carecia “(...) tanto das qualidades como dos defeitos do espírito que tornam interessante a ruidosa existência do Boulevard” (Ortigão 1991: 20)

A lisboa pitoresca de D. Maria II e de D. Pedro V principiava a transformar-se na Lisboa vaidosa de hoje e os janotas da Havaneza (...) tinham de Pariz e dos boulevards inau-

¹² Em a “Situação da classe operária em Inglaterra em 1844”, Engels escreve que na cidade de Manchester “o próprio burburinho das ruas tem algo de repulsivo, algo contra o qual a natureza humana se rebela. (...)” (Engels 2007: 67)

gurados pelo segundo imperio noções exactas, que os empertigavam de arrogância e de desdém.”

(...) a Lisboa da Avenida, da estação do Rocio, do Seculo, do bric-à-brac, das corridas de cavallos, do Turff Club e do Chat-Noir: esse arremedo de Pariz. (...) (Dias 1907: 56)

4. Os velhos bairros: a cidade escondida

Em Lisboa, onde a expansão da cidade não exigiu a demolição das áreas do núcleo primitivo, a cidade que irrompe, não faz esquecer a outra, a dos bairros de Alfama, da Mouraria, do Bairro Alto, a outra cidade, das ruas estreitas, fracamente iluminadas, dos indigentes¹³. A nova cidade não se dá a estes habitantes, nem serve os recém-chegados, mas à burguesia, elite social e económica que ganha um crescente protagonismo no século XIX.

Ardendo numa febre de grandezas, Lisboa sentira a necessidade doutras ruas, outros estilos, outros interiores: alguma coisa coerente com os ideais, os hábitos e os trabalhos da sua vida moderna. E ei-la transbordando dos acumulados lúgubres dos velhos bairros, Alfama, Mouraria, Estrela; partindo a cintura de muralhas num charivari de construções podres de chique; fazendo dos arrabaldes, centros; trepando aos outeiros, ou alastrando-se como um acampamento nómada, à beira do rio. (Almeida 1920: 14)

As descrições de época, opõem esses lugares em antítese. Não reconhecem nem beleza, nem virtude nas zonas pobres da cidade, corroborando as fixações da elite progressista, e expressando a impossibilidade de integração desses espaços na moderna estrutura da cidade.

A disposição física da cidade antiga é caracterizada pelos seus edifícios, pela opacidade dos espaços privados, pelo fechamento e irregularidade das suas ruas, enquanto na cidade “nova” se descobrem as vistas abertas e panorâmicas do espaço “vazio” e os edifícios que se diluem nesse espaço amplo e direccionado, a coberto das plantações que ladeiam as vias. Esta nova configuração do espaço urbano reflectiu-se no abandono da representação da vista frontal substituída pelas vistas perspectivadas sobrelevadas ou mesmos as vistas aéreas¹⁴, por oposição com as vistas “fechadas” sobre o espaço urbano tradicional.

¹³ Esses bairros eram também associados à prostituição e à vida boémia.

¹⁴ Em 1858 Felix Nadar faz as primeiras vistas aéreas de balão de pequena cidade de Petit Bicetre, em França.

Nas “Cartas de Lisboa”¹⁵ a vida da cidade descreve-se sob vários aspectos: um deles o contraste entre as habitações nas “duas” cidades, refletida na comparação entre formas urbanas: viela, betesga, alfurja, saguões e frestas - espaços de confinamento, insalubres e sombrios. Por oposição, a “casa dos ricos”, situa-se nas avenidas, espaço morfologicamente aberto, amplo, luminoso e salubre “o horizonte largo, a sala clara, o ar saudável, as paredes limpas, as janella largas (...)” (Dias, 1905: 274-275).

Paisagens de reclusão/segregação e fechamento e de abertura que correspondem a valorações espaciais e denunciam o zonamento social da cidade: “A casa do pobre fica n’uma viella ou betesga, nas alfurjas da velha judiaria, em recantos de sombra e de humidade, entre saguões immundos. A janella é quasi uma fresta. O ar é quasi uma hypothese. Já em vida, o pobre se vae habituando á vala commum, na promiscuidade dos casarões de Alfama” (Dias, 1905: 274-275).

Na visão urbana de 1906 intitulada “Lisboa Monumental” Fialho de Almeida¹⁶ (1857-1911) escandalizado com a situação de insalubridade de alguns bairros advogava a sua demolição:

(...) coincidirá isto com a derrocada, ou pelo menos a larga desibridação dos bairros infectos de Alfama, Castelo, Mouraria, Alcantara e outros muitos onde a população trabalhadora se comprime, e mais ou menos são montureiras de gente (...). Ao derrubar alguns destes redutos infames da tuberculose implacável, não devem os municípios dar ouvidos à arqueologia piegas que em certos bestuntos confunde o respeito das coisas artísticas com a monomania idiota de conservar tudo que é velho (...) (Almeida 1906: 503)

O autor finalizava a sua invectiva com um retrato cheio de “bonomia”, onde se cruzavam os argumentos de médicos e higienistas¹⁷, escrevendo que “(...) se saia enojado da porcaria das ruas e das lojas, da insulsez architectónica dos prédios, da irremissibilidade anti-higiénicas, enfim daquele imundo *getto*, onde

¹⁵ As “Cartas de Lisboa”, foram crónicas publicadas no *Comércio do Porto* e mais tarde reunidas em três volumes, publicados em 1905 e 1907.

¹⁶ Em “Lisboa Monumental”, Fialho de Almeida (que é formado em medicina), tem uma opinião sobre algumas zonas da cidade que coincidem com a dos seus pares, destacando-se a sua preocupação com a higiene e salubridade.

¹⁷ Certas doenças estavam então associadas aos ambientes lotados, escuros e húmidos. Não apenas a tuberculose, mas doenças infecciosas como a cólera o tifo ou a febre amarela que, em conjunto com as insuficiências da rede de saneamento básico, abastecimento de água e deficientes condições de habitabilidade agravam os problemas de saúde pública. *Vide* Vigarello 1988: 134-135.

pulula uma ralé de gente verde, ossosa, e que parece exumada depois de alguns meses de podridão subterrânea.” (Almeida 1906: 503)

Enquanto a paisagem urbana emergente se associava à civilidade da cidade de Paris, a Lisboa dos velhos bairros corresponde à ideia de cidade do medievo, distante, porém da aura que o romantismo lhe tinha emprestado, e onde perpassa a oposição entre “velho”, no sentido de estagnado e dolente e “novo” na acepção de inovador e moderno.

(...) A Lisboa medieval da Mouraria e de Alfama, a Lisboa Napolitana dos embandeiramentos de roupa branca a secar ao sol, a Lisboa dos gatos vadios e dos fadistas, tem que implorar a providência um novo terramoto ou acordar definitivamente da sua dormência de seculo e meio (...).

Urge que se trace um plano definitivo da Lisboa central e marítima, como se traçou para a nova Lisboa a norte da Avenida. (Dias 1907: 274-275)

5. A cidade que se renova

A cidade nova, adquire um valor paisagístico de modernidade que toma corpo neste novo cenário, onde as avenidas se destacam como elemento morfológico estruturante. Ramalho Ortigão, nas Farpas, enaltece “A remodelação de que a cidade de Lisboa, tem, nestes ultimos tempos sido objecto, proporcionando-lhe largas e espaçosas avenidas, planeando-se-lhe bairros de relativa importância, cuidando-se com certa grandeza e esmero os pontos mais proeminentes da sua planta geral (...)” (Ortigão 1991: 27). Em 1904, Malheiro Dias, partilhava a sua predilecção pelos espaços urbanos amplos, regulares e cenográficos: “Lisboa - digamolo nós (...) é, com excepção da parte nova (praça dos restauradores para o norte até à avenida Ressano Garcia, e do delineamento magestoso da *urbis* pombalina, uma cidade indigna da sua categoria de capital (...)” (Dias 1905: 270)

Mas a transformação dos costumes e o aspecto dos novos espaços de sociabilidade, provocou também, um sentimento menos entusiasta, revelador não apenas da moralidade vigente¹⁸, mas das decepções que o fim do século trouxera¹⁹. A leviandade dos lisboetas que da janela *querem ver a rua*; abandonando

¹⁸ Alguns autores que se inscreviam na corrente literária do realismo e naturalismo, retratavam muitas vezes a cidade como lugar de vício e de miséria. Na crítica à sociedade estava subjacente uma vontade reformista de matriz positivista.

¹⁹ Entre outros motivos recorde-se o “Ultimato Inglês” de 1890, e a crise financeira que lhe sucedeu. Nesse final do século XIX, também se faziam outros balanços e reflexões sobre as misérias e triunfos resultantes do progresso da civilização material, impulsionada pela industrialização.

os seus bairros de origem para viverem nas novas avenidas remete para as alterações de fundo no modo de “fruir” a cidade onde o lazer e as actividades recreativas se encontram intrinsecamente ligadas a uma nova paisagem urbana e ao consumo de bens e serviços que nela se localizam preferencialmente. Segundo Green (1995: 38) a modernidade projectava-se através das aparências e das actividades que se acolhiam nos novos espaços públicos da cidade: “(...) the spectacle of the theatre, boulevard promenade, and cafes, the surface sheen of bitumen and gas with their connotations of novelty, the decorative fashions of promenaders both male and female, the almost erotic appeal of the shop window display”²⁰.

Através da personificação da cidade de Lisboa, associada a um carácter “libertino” e vicioso, Malheiro Dias expunha criticamente os novos costumes e usos sociais associados a uma estrutura urbana que se construiu sob o signo das aparências e das tecnologias modernas, a par dos entretenimentos de lazer, do passeio e do olhar.

Mas Lisboa, a foliona, quer ver, das janellas de casa, passar os trens para o Campo Grande. Lisboa quer viver na Avenida, no perímetro da iluminação eléctrica, com americano á porta e os theatros á mão.

Debalde, os preços das casas descem, n’esses bairros longínquos e desertos. A herva cresce nos últimos jardins d’essa Lisboa abandonada. Desde que totalmente se perderam os hábitos caseiros e se aboliu a convivência todos querem viver na proximidade dos theatros, entre o rumor da multidão, na própria entranha da cidade do vicio e do aparato. (Dias, 1905: 278-280)

Também Ramalho Ortigão não poupará críticas à devassidão que associa às novas avenidas que não têm outra utilidade “senão para espalhar os maus hábitos do café e do *trottoir*, o amor da ostentação, a ociosidade, o *boulevardismo*, a cocotice, o luxo pelintra da *toilette*” (Ortigão 1991: 20)

Insistiria o autor que, Lisboa, já tinha em excesso os “vícios de boulevardante.” Deveria, pois, recolher-se: “Moraliza-te e instrui-te”, escreve Ortigão, “Preocupa-te um pouco menos com o luxo da *toilette* e pensa um pouco mais no teu conforto doméstico”. (Ortigão 1991: 21)

Contudo, são precisamente os novos espaços urbanos, esta paisagem que se abre nas avenidas que obrigam a “reagir politicamente” (Berman 1989: 169). Nessa tomada de posição, medem-se as forças entre a ordem material e a ordem

²⁰ “O espetáculo do teatro, do passeio nos *boulevards* e dos cafés, as superfícies brilhantes do asfalto e do gás, com as suas conotações de novidade, as modas dos passeantes tanto do sexo masculino quanto feminino, o apelo quase erótico das montras das lojas” [tradução livre da autora]

espiritual da modernidade, pondo-se em questão a interdependência entre ambas, numa tensão nunca resolvida, entre o progresso material e existencial.

6. Conclusões

O contraponto visível entre a cidade antiga e a nova, emerge nestas representações “realistas” da cidade. Os argumentos postos aqui em confronto somatizam valorações opostas: os bairros antigos da cidade são lugares pouco recomendáveis, insalubres e sobrepovoados. Na nova cidade, as avenidas desafogadas com intenções cenográficas afirmavam-se como um novo padrão de espaço urbano que norteava as relações que nela se desenvolviam. Os usos do espaço e práticas de convivialidade que estas ancoravam, os teatros, os cafés, as lojas e armazéns comerciais, estabeleceram-se então como os lugares de uma nova “prática do quotidiano”, arquétipo da vida moderna.

Nestas crónicas, o escritor vê esse mundo exterior, constituindo o quadro de uma paisagem que pode compor: que é sobretudo uma paisagem fragmentada, indecisa entre os valores da modernidade, e os escombros de uma velha ordem, mas construída sob uma narrativa que (ainda) lhe dá um sentido.

Referências

- Almeida, Fialho (1920). *Lisboa Galante: Episódios e Aspectos da Cidade*. Porto: Imprensa Moderna.
- Almeida, Fialho (1906). *Lisboa Monumental*. In: “Ilustração Portuguesa”. Lisboa, nº 36, 29 de out., 396-405
- Almeida, Fialho (1906). *Lisboa Monumental*. In: “Ilustração Portuguesa”. Lisboa, nº 39, 19 de nov, 497-509
- Baudelaire, Charles (2013). *O Pintor da Vida Moderna*. Lisboa: Nova Vega.
- Berman, Marshall (1989). *Tudo o que é sólido se dissolve no ar*. Lisboa: edições 70.
- Berque, Augustin (1994). *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon
- Dias, Carlos Malheiro (1905). *Cartas de Lisboa (1ª série -1904)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Dias, Carlos Malheiro (1907). *Cartas de Lisboa (3ª série -1905-06)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Engels, Friedrich (2010). *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial
- Green, Nicholas (1995). Looking at the landscape: Class formation and the visual. In: Eric Hirsch & Michael O’Hanlon (eds.), *The Anthropology of Landscape: Perspectives on Place and Space*. Oxford: Clarendon press, 31-42.
- Marx, Leo & Mazlish, Bruce (org.) (2001). *Progresso: Realidade ou Ilusão*. Lisboa: Bizâncio.
- Ortigão, Ramalho (1991). *As farpas VII*. Edição integral. Lisboa. Livraria clássica Editora.
- Ortigão, Ramalho (1916). *Últimas farpas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Lisboa: Aillaud e Bertrand.
- Pires, António (2007). *Luz e Sombra no século XIX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Queiroz, Eça de (2003). *A Capital*. Lisboa: ed. Presença
- Vigarello, Georges (1988). *O Limpo e o Sujo -A higiene do Corpo desde a Idade Média*. Lisboa: Fragmentos